
Blimunda Sete-Luas: lucidez na opacidade?

Blimunda Sete-Luas: lucidity in opacity?

Vanessa Ribeiro Teixeira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.nEsp.a892>

RESUMO

Partindo das reflexões de Édouard Glissant em “Para a opacidade”, evoco Blimunda Sete-Luas, personagem-protagonista do Memorial do Convento, como aquela que surge trazendo luz aos espaços recônditos da História, marginalizados pelas Leis do seu tempo e espaço, mas respeitando-lhes o segredo, pois o segredo para os oprimidos da História é estratégia de sobrevivência. Minha hipótese é a de que a relação entre a visão singular de Blimunda e o direito à opacidade como uma prática de liberdade e bem-viver se pode comprovar através da forma como a personagem constrói sua relação de amor com Baltasar Sete-Sóis.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; Memorial do Convento; Blimunda Sete-Luas; Édouard Glissant; Opacidade.

ABSTRACT

Starting from Édouard Glissant’s reflections in “For opacity”, I evoke Blimunda Sete-Luas, protagonist character of the Memorial do Convento, as the one who appears bringing light to the hidden spaces of History, marginalized by the Laws of their time and space, but respecting them the secret, because the secret for the oppressed of History is survival strategy. My hypothesis is that the relationship between Blimunda’s unique

vision and the right to opacity as a practice of freedom and well-being can be seen through the way in which the character constructs her love relationship with Baltasar Sete-Sóis.

KEYWORDS: José Saramago; Memorial do Convento; Blimunda Sete-Luas; Édouard Glissant; Opacity.

Lucidez. Qualidade ou estado de lúcido. Luminância emitida por um corpo; brilho, claridade. Faculdade de quem expressa suas ideias com clareza... Clareza. Clareza. Clareza... Tanta luz que cega. Luz que fere e condena existências que demandam o direito à opacidade. Existir aquém e além da compreensão do outro ainda é existir.

Dentre tantas personagens saramagueanas que veem sem pretender compreender, no sentido de classificar, tudo o que está à volta, sem insistir em jogar uma clareza tirana e insidiosa sobre tudo, tantas mulheres – lembremos Maria Guavaira, d’*A jangada de pedra*; a “mulher do médico”, de *Ensaio sobre a Cegueira*, entre outras –; dentre tantas mulheres, destaco Blimunda Sete-Luas, do celebrado *Memorial do Convento*. Em sua peregrinação, essa mulher extraordinária (re)vela a insurgência persistente de uma realidade marginalizada, mostrando que a figura feminina tem primazia nesse exercício de escrever uma história diferente, como a sinalizar para o fato de que esses olhos que veem além são os olhos necessários para a construção de uma realidade sedimentada no terreno dos (im)possíveis.

É durante o primeiro auto-de-fé narrado em *Memorial do Convento* que o nome de Blimunda e a sua singular capacidade são mencionados pela primeira vez. Em meio aos castigos impostos aos suplicados, em praça pública, a voz do narrador se ausenta, por instantes, a fim de conceder o direito de, em seu próprio nome, uma mãe aflita ser reconhecida por sua filha. Sebastiana Maria de Jesus, condenada ao degredo para Angola, depois de uma angustiada busca, distingue finalmente Blimunda na multidão:

(...) enfim o peito me deu sinal, gemeu profundamente o coração, *vou ver* Blimunda, *vou vê-la*, ai, ali está, Blimunda, Blimunda, Blimunda, filha minha, e *já me viu*, e não pode falar, tem de fingir que me não conhece ou me despreza, mãe feiticeira e marrana ainda que apenas um quarto, *já me viu*, e ao lado dela está o padre Bartolomeu Lourenço, não fales Blimunda, *olha só, olha com esses teus olhos que tudo são capazes de ver* (...). (SARAMAGO, 1983, p. 53; grifos nossos).

Na fala da sentenciada, a recorrência do verbo *ver*. A relação entre essa mulher e sua filha é marcadamente condicionada pelas potencialidades da visão, pois seus olhos são o lugar do diálogo e do afeto. Nessa busca aflita e breve, Sebastiana Maria de Jesus identifica o dom singular de Blimunda, aquela cujos olhos “tudo são capazes de ver”. É durante o auto-de-fé, também, que somos informados sobre a ligação entre Blimunda e o padre Bartolomeu Lourenço. Além disso, é este o primeiro momento em que as personagens amantes, Blimunda e Baltasar, aproximam-se. Na última cena que Sebastiana poderá ver, estão reunidas as três peças principais do romance – Bartolomeu, Baltasar, Blimunda –, formando a tríade que se concentrará na construção da passarola, a representação alegórica da possibilidade de existência de uma realidade outra, dentro de um mundo previsível e cheio de certezas, cruéis certezas.

Atentemos para o fato de que Blimunda Sete-Luas, essa figura de olhar extraordinário, nos é apresentada justamente num momento em que tudo o que se pode ver, e que todos veem, é um verdadeiro martírio para os olhos. Ver não é sinônimo de olhar, mas é um ato que condiciona o olhar à possibilidade de adquirir conhecimento. Entretanto, sabemos que os condenados nos autos-de-fé são, em sua maioria, castigados por conhecerem algo que as leis do tempo e do lugar desconhecem, ou ainda por revelarem a possibilidade de diferentes formas de conhecimento, colocadas à margem da autori-

dade da verdade única, ou – e, talvez, principalmente – por serem constituídos por verdades que o status quo não compreende e que, por isso, segrega e destrói com a luz do fogo inquisidor. Evocamos, então, Edouard Glissant e o seu clamor pelo “direito à opacidade”:

Se examinarmos o processo da ‘compreensão’ dos seres e das ideias sob a perspectiva do pensamento ocidental, encontraremos em seu princípio a exigência por essa transparência. Para poder te ‘compreender’ e, portanto, te aceitar, devo reduzir tua densidade a essa escala ideal que me fornece fundamentos para comparações e, talvez, para julgamentos. Preciso reduzir. (GLISSANT, 2021, p. 219-220).

Dentro desse quadro, Blimunda, aquela que tudo pode ver, é apresentada durante o espetáculo do auto-de-fé como a representante de um conhecimento diferenciado, que ultrapassa a esfera do senso comum e que, por conta disso, será a chave para inaugurar o novo. Blimunda pode olhar por dentro das pessoas:

(...) Vejo o que está dentro dos corpos, e às vezes o que está no interior da terra, vejo o que está por baixo da pele, e às vezes mesmo por baixo das roupas, mas só vejo quando estou em jejum, perco o dom quando muda o quarto da lua, mas volta logo a seguir, quem me dera que não o tivesse (...). (SARAMAGO, 1983, p. 78).

Essa visão é, sem dúvida, extraordinária, mas, na verdade, como ela mesma explica, é uma forma de ver o que está no mundo tangível, mas é invisível para o comum dos olhos. Não se trata, portanto, de adivinhação ou profecia. Se ela transcende a realidade aparente ao ver além e ver por dentro, não ultrapassa, por outro lado, a dimensão da realidade imanente.

Para Baltasar Sete-Sóis, os olhos de Blimunda “(...) às vezes tornam-se negros nocturnos ou brancos brilhantes como lascado car-

vão de pedra.” (SARAMAGO, 1983, p. 55). Além da impossibilidade em defini-los, os olhos de sua amada são caracterizados pelo intrigante contraste entre luz e sombra. Lembremos, aqui, que a opacidade não é a ausência de luz, mas a ausência de transparência e que, genericamente, um elemento é considerado opaco quando não permite a passagem de luz em proporções apreciáveis. Apreciáveis ou invasivas, eu pergunto? Essa diferença nada sutil está longe de ser apenas uma questão de interpretação, mas revela uma tradição da experiência ocidental na sua vivência, sem convivência, com outridades que esse mesmo Ocidente “construiu”. A luz de Blimunda não é uma potência solar, ou uma fogueira, ou uma tocha, que invade todos os espaços, revela todos os segredos e que, através de um forçoso exercício de compreensão, amalgama e essencializa subjetividades; antes assemelha-se a uma candeia que, em trânsito constante, basta para observar, delicadamente, que, retomando Glissant, “o consentimento geral às opacidades particulares (às singularidades irredutíveis) é o mais simples equivalente da não barbárie” (GLISSANT, 2021, p. 225).

Blimunda surge como aquela que traz luz aos espaços recônditos da História, marginalizados pelas Leis do seu tempo e espaço, mas respeita-lhes o segredo, pois o segredo para os oprimidos da História é estratégia de sobrevivência. Fazendo chegar uma luz branda aos lugares que pareciam perdidos, é rebatizada pelo padre Bartolomeu Lourenço como “Sete-Luas”. Sendo o oposto complementar de Baltasar Sete-Sóis, ela “vê às escuras”. Essa outra forma de ver, no mundo em que ela vive, não poderia ser senão dolorosa. Para o narrador, essa é “(...) uma mulher que é visionária da pior maneira, porque vê o que existe (...)” (SARAMAGO, 1983, p. 120).

Minha hipótese é a de que a relação entre a visão singular de Blimunda e o direito à opacidade como uma prática de liberdade e bem-viver se pode comprovar através da forma como a personagem

constrói sua relação de amor com Baltasar. Nessa relação, melhor, na narração dessa relação, os verbos olhar e ver são absolutamente distintos e até mesmo contrapostos. Quando Blimunda adia o ato de comer o pão, a fim de observar os mundos que estão escondidos no mundo, faz dessa experiência um “(...) dia de ver, não o de olhar, que esse pouco é o que fazem os que, olhos tendo, são outra qualidade de cegos.” (SARAMAGO, 1983, p. 79). Em contrapartida, Sete-Luas afirma que nunca verá por dentro o seu amado e, desta maneira, recusa-se a saber dos seus segredos e a conhecer aquilo que “não é bom de ver-se” debaixo de sua pele. Diferentemente das experiências trágicas com o avesso do mundo, a união entre Sete-Luas e Sete-Sóis encontra um lugar de conforto no olhar e não no ver. Blimunda, então, clama ao seu amante: “(...) eu não te quero ver por dentro, só quero olhar para ti, cara escura e barbada, olhos cansados, boca que é tão triste, mesmo quando estás ao meu lado deitado e me queres (...)” (SARAMAGO, 1983, p. 81). O respeito à opacidade, aqui, é uma prova de amor, é “o amor ao próximo” na prática. Diz Glissant:

[posso] conceber a opacidade do outro para mim, sem repreendê-lo por minha opacidade para ele. Não preciso ‘compreendê-lo’ para me solidarizar com ele, para construir com ele, para amar o que ele faz. Não preciso tentar tornar-me o outro (adivinhar o outro) nem ‘fazê-lo’ à minha imagem. (GLISSANT, 2021, p. 223).

O conforto de Blimunda está em ser cega diante de Baltasar, apenas olhá-lo, sem poder vê-lo, adiando, assim, o conhecimento sobre o lado escondido de seu amado. Em outra cena do Memorial, lemos “(...) não falou Blimunda, não lhe falou Baltasar, apenas se olharam, olharem-se era a casa de ambos.” (SARAMAGO, 1983, p. 109).

Lembremos que os olhos de Blimunda veem apenas o que está no mundo, sendo capazes, entretanto, de “visitar” outros lugares escondidos dentro do mundo que conhecemos, o que significa reconhecer

outros tempos soterrados sob o presente: “(...) este chão que pisamos tem por cima barro encarnado, por baixo areia branca, depois areia preta, depois pedra cascalha, pedra granita no mais fundo, e nela há um grande buraco cheio de água com o esqueleto de um peixe maior que o meu tamanho (...)” (SARAMAGO, 1983, p. 79-80). Conhecedora de outras eras, que deixaram vestígios no tempo presente, ainda que os olhos dos homens comuns não os possam ver, essa “pitonisa da pior maneira” (re)conhece os diversos mundos que há no seu mundo e convive com os diversos tempos que há no seu tempo. Daí, chegamos, enfim, às vontades humanas, que serão, no romance, a matéria-prima do combustível que moverá a passarola, o éter. Essas vontades são mundos singulares, irreduzíveis e “inamalgamáveis”, se assim posso dizer, pois “é impossível reduzir quem quer que seja a uma verdade que ele não tenha gerado de si mesmo” (GLISSANT, 2021, p. 224). Na busca por essa matéria-prima, estão os olhos “demasiados” de Blimunda. Num tempo e num mundo em que, em nome da divindade, centenas de vidas são condenadas e, conseqüentemente, também seus desejos, é o reconhecimento da grandeza da vontade, enquanto peça fundamental que faz mover o mundo, que vai permitir aos homens comuns serem alçados aos céus que, antes de Blimunda, pareciam inatingíveis. A esta mulher caberá a tarefa de recolher o alimento que sustentará a aventura da passarola. Ao padre Bartolomeu Lourenço, indaga:

(...) E eu que faço, perguntou Blimunda, mas adivinhava a resposta, Verás a vontade dentro das pessoas, Nunca a vi, tal como nunca vi a alma, Não vês a alma porque não se pode ver, não vias a vontade porque não a procuravas, Como é a vontade, É uma nuvem fechada, Que é uma nuvem fechada, Reconhecê-la-ás quando a vires (...). (SARAMAGO, 1983, p. 124).

“A vontade é uma nuvem fechada...” Opaca, talvez. Percebida. Recolhida. Acolhida. Vontades reunidas – mas não invadidas – por uma mulher que parece compreender que “[opacidades] podem coexistir, confluir, tramando tecidos cuja verdadeira compreensão estaria na textura dessa trama, e não na natureza dos componentes” (GLISSANT, 2021, p. 220); Sete-Luas é uma existência subjetiva consciente da urgência em “renunciar a essa antiga obsessão em chegar ao fundo das naturezas” (GLISSANT, 2021, p.220) e de “inaugurar um movimento como esse, cujo referente não seria a Humanidade, mas a divergência exultante das humanidades.” (Ibidem)

RECEBIDO: 12/06/23 APROVADO: 27/06/23

REFERÊNCIAS

GLISSANT, Édouard. Para a opacidade. In: GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 219-225.

SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. São Paulo: DIFEL, 1983.

MINICURRÍCULO

VANESSA RIBEIRO TEIXEIRA é Professora Adjunta e Supervisora do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ.